



FARO  
EDITORIAL

**RUTH·GUIMARÃES**  
**CONTOS**  
**NEGROS**

Ruth  
Guimarães

**CONTOS  
NEGROS**



**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020**

**COPYRIGHT © HERDEIROS DE RUTH GUIMARÃES, 2020.**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Edição **JOAQUIM MARIA BOTELHO**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **HAYDEN VERRY | ARCANGEL**

Imagens internas **JUMPINGSACK E MEOW\_MEOW | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guimarães, Ruth, 19xx

Contos negros / Ruth Guimarães. — São Paulo :  
Faro Editorial, 2020.  
128 p.

Bibliografia  
ISBN 978-65-86041-39-2

1. Contos brasileiros 2. Negros - Contos 3. Folclore  
I. Título

20-3187

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros B869.8



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

## Dois dedos de prosa sobre os contos

**D**isseram-me que eu devia explicar, rapidamente, num bate-papo ameno, o critério de seleção destes contos. Em primeiro lugar, não houve preocupação sentimental, nem pedagógica. Aliás, o primeiro contato, completamente irracional, com a matéria, foi juntar o material, recolhendo-o despreocupadamente na fonte, isto é, entre o povo, assim como quem recolhia ouro, no tempo em que o havia.

Parece-me necessário observar que algumas das histórias deste volume são variantes dos contos recolhidos também na tradição oral e belamente recontados por Grimm, por Andersen, por Perrault, que, há um século, já sabiam o que convinha à criança. Isto é, o que inspira bons pensamentos ao imaturo, ao homem simples, ao rústico, inspirará bons pensamentos à criança. A maioria, pois, dos contos tradicionais do Brasil é de procedência europeia, veio através

dos racontos orais do português descobridor e colonizador. Temos, ainda, porém, as lendas ameríndias e as africanas.

As lendas indígenas, primeiramente as colheram os viajantes estrangeiros, Baldus, Hart, e outros, e, depois, bem mais tarde, os nacionais, Sílvio Romero, Barbosa Rodrigues, Afonso Arinos, Luís da Câmara Cascudo, Basílio Magalhães, J. Silva Campos.

As africanas são mais raras, algumas simples variantes, que o negro introduziu, de histórias europeias. Muitos contos dos bantos, nagôs e jejes são histórias europeias, recontadas pelos negros, que lhes imprimiam sua rude singeleza.

Não se trata de saber se as histórias que compõem este volume são de criação africana. É certo que nos chegaram primeiramente por intermédio de mães pretas e de mucamas, e são correntias entre o forte contingente, outrora escravo, da região valeparaibana. É ali o meu garimpo. Região onde viveu e vive um povo que, depois da Bahia, tem a maior influência negra no Brasil: Sul de Minas, Sudoeste de São Paulo e Baixada Fluminense (Vale do Paraíba mineiro/paulista/papa-goiaba). Compõem um triângulo de incidências de costumes e de folclore negro, condicionado primeiro pela antiga proximidade do empório do Rio de Janeiro, onde se mercadejava a carne humana para o trabalho: lavoura do algodão, do café e a grande aventura da garimpagem.

O Vale é todo tismado das características da raça: rostos grandes; pele trigueira, curtida, grossa e lisa; lábios carnudos e sorrisos largos, de orelha a orelha; olhos grandes, parados,

lustrosos, parecendo líquidos; narizes volumosos; cabelos escuros, ásperos, que vão se desenovelando na mestiçagem com o branco. Forma-se um tipo padronizado, marrom-claro, de traços mais finos, conservando as bem-feitas formas do corpo, a alta e macia redondeza dos grandes seios nas mulheres e uma feminina agilidade nos homens. Mulatos\*. Quadrarões. Oitavões\*\*. Psicologicamente, o negro é gente alegre, porque a sua visão do mundo é desprevenida e natural.

Por muitos anos, séculos, a África foi considerada um continente fechado, desconhecido mesmo dos colonizadores, desbravadores de selva e caçadores de bichos. E dos predadores de homens. Isolada do mundo todo, pela dificuldade de chegar até lá: pela selva inóspita, pelos rios imensos, pelo viço da vegetação agressiva, pelos animais estranhíssimos, pela gente como nenhum europeu tinha visto outra igual, pelas diversas línguas, não sabidas e jamais ouvidas antes.

\* N. do E.: Mantivemos, neste texto, a redação original da autora, visto que a obra foi produzida na década de 1980. A palavra mulato tem sido, hoje, considerada racista, porque deriva do latim *mulus*, que quer dizer mulo. A palavra era usada pelos portugueses colonizadores, desde o século XVI, para comparar o negro mestiço a um animal de grande força e resistência para trabalhos forçados. A palavra mulato está em desuso, atualmente, preferindo-se usar pardo, para pessoas filhas de brancos com negros.

\*\* N. do E.: São chamados quadrarões os filhos de um progenitor branco e outro pardo (com um quarto de carga genética de origem negra). Oitavões são aqueles com um oitavo de sangue negro, também chamados octorunos. Também existem os quintarões.

Pensava-se que a África estivesse ilhada do mundo. Enorme continente misterioso, com cultura própria, sem influência exterior. Imprevistamente, a coleta de material folclórico, principalmente de contos afros, apontou inconfundível parentesco com os mais conhecidos contos europeus. Os motivos, já classificados por Aarne-Thompson\*, apareciam repetidos. Como tinham ido parar na África? Quando? Por onde? Quem levou?

Teriam sido os muçulmanos, juntamente com os ensinamentos religiosos?

A linguagem escrita na África é de procedência árabe e somente bem mais tarde foi aprendida pelos colonizadores. A influência muçulmana foi tão grande, que a literatura escrita se desenvolveu no Sudão, originando um florescimento intelectual importante, no século XVI, em especial na capital — Cartum\*\*. Isso também pode ser rastreado nos estudos folclóricos, quando se percebem claramente os motivos originários de *As Mil e Uma Noites* e do Corão. Em certos contos

\* N. do E.: O sistema de classificação Aarne-Thompson, da tipologia de contos folclóricos, foi expandido em 2004 para Aarne-Thompson-Uther, com a publicação do livro *The types of international folktales*, de Hans-Jörg Uther. A pesquisa original da autora é anterior à nova tipologia.

\*\* A cidade de Tombuctu, no norte do Mali, “pérola do Saara”, “farol do Islã”, foi famosa pela sua coleção de manuscritos dos séculos XIV, XV e XVI, sobre filosofia, poesia, matemática, astronomia e medicina. Por isso foi considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Mas milhares desses documentos foram destruídos nos conflitos recentes.

entram ogros, gigantes e o conhecido episódio do gênio preso na garrafa. A própria mitologia grega, possivelmente via islâmica, faz incursões no populário afro.

Terão sido os portugueses?

A coincidência de haver contos com variantes muito próximas dos europeus, em Guiné, Angola, Moçambique, coloca a hipótese de uma origem portuguesa nessas regiões, difundida pelos brancos colonizadores.

Haverá contos de criação espontânea do negro, coincidente com os de outras terras — apenas coincidentes? *Chi lo sá?*

Não estamos aqui para dar respostas, mas podemos até aceitar a teoria dos sábios pesquisadores, que colocam a origem dos contos, todos os que existem, na Assíria-Babilônia, no Alto Egito, e negam ulteriores criações espontâneas.

Seja como for, contos afros, trazidos por escravos, talvez portugueses, via navios negreiros, ficaram imediatamente coloridos e modificados, adaptados que foram pela grande caudal da África misteriosa.

Os motivos europeus, principalmente, deram de frequentar os contos de animais — não fosse a África a grande pátria de incomuns espécies, sobreviventes de um mundo perdido.

A série de animais no conto africano é imensa e difere, como diferem uns dos outros os negros tangidos para o Brasil, vindos de tribos inumeráveis. Um traço comum é que tais animais exercem funções humanas, como os das fábulas de Esopo e La Fontaine, sem implicações políticas, mas com



muito de observação das essencialidades humanas. Outro traço resistente é a força bruta vencida pela finura, pela astúcia, pela inteligência.

No Sudão, o animal que mais frequenta os contos é a Lebre, solerte e maliciosa. Nas costas da Guiné, um pequeno cervídeo, espécie de antílope, espertíssimo, como um Malasartezinho de quatro patas. Na Nigéria, são a Tartaruga e a Aranha. Ainda há contos com o Coelho, o Chacal, a Hiena, o Elefante, o Crocodilo. As histórias angolanas de animais são de língua banto. Ellis nos dá ciência de todo um ciclo da Tartaruga, na Costa dos Escravos\*.

Um traço de africanidade existente em diversos dos nossos contos populares, recontados entre a população mestiça, é a cadência. Como elemento musical, rítmico, os refrões comparecem pontualmente em inúmeros contos afros. Por exemplo, uma variedade de história da Mãe-d'água, recolhida por Silva Campos, entre os negros do Recôncavo Baiano, em que se repete:

- *Você me matou, agora me corte...*
- *Você me cortou, agora me depene...*
- *Você me depenou, agora...*

\* ELLIS, A. B. "The Yoruba Speaking Peoples of Slave Coast, of West Africa". Londres, 1894.

Em “O Macaco e o Negrinho de Cera”, citado por Luís da Câmara Cascudo, o refrão é assim:

— *Me mate devagar,  
que me dói, dói, dói...*  
— *Me corte devagar,  
que me dói, dói, dói...*  
— *Me coma devagar,  
que me dói, dói, dói...*

No conto “A Mãe-d’água”, deste volume:

— *Zão, zão, zão, zão,  
calunga.  
Olha o mungueledô,  
Calunga,  
etc.*

No conto “O Quimbungo”, à ordem de “Canta, meu surrão!”, a menina, presa no saco, repete sempre a mesma litania.

Conforme notícia de diversos africanistas, na África o conto era narrado muitas vezes ritmicamente, ao som de pequenos tambores, percutidos em cadência.

Nina Rodrigues, repetindo Ellis, informa que os narradores de contos (**Akpalôs**), na Costa dos Escravos, constituem uma casta, cujo chefe tem o nome de **Ologbô**, isto é, conselheiro. Os autores são unânimes em registrar a atitude

extremamente dramatizante de tais contadores, os gestos exagerados, a voz empostada, os olhos esbugalhados, pulos, imitações, gritos, gargalhadas. De certo modo, recriam e vivenciam a história que está sendo contada. Lá e cá. Os nossos autênticos contadores de casos dão espetáculos muito convincentes, enquanto desenrolam seus enredos.

Os contos fantasiosos africanos são chamados **alô**.

As histórias dos animais personificados chamam-se **mi-soso**.

Os relatos, que têm fim instrutivo e útil, onde entram, combinados, experiência, juízo prático e senso comum, são chamados **maka**.

As narrativas históricas são **malunda** ou **mi-sendu** — crônicas da tribo, transmitidas pelos chefes ou anciãos e apenas sussurradas de boca a ouvido entre os componentes das classes dominantes. Segredos de feiticeiros e do soba.

Contar histórias é, entre os africanos, profissão e missão. Desta maneira, sai o contador pelo mundo, de aldeia em aldeia, contando seus **alôs**. Esse contador é o **akpalô-kipati-ta** — o que faz a vida ou o negócio de contar histórias. Entre angola-conguenses, existe tal função, reservada a indivíduos ou castas.

Cá e lá.

Gilberto Freyre e José Lins do Rego dão notícias de negras — negras, note-se! — que iam de engenho a engenho, com a sua bagagem de contos: as contadeiras de histórias. Guimarães Rosa registra o costume, no Norte de Minas,

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito  
e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite  
é mais rápido do que ler um livro.  
**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM SETEMBRO DE 2020